



A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES ANGOLANAS NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA (1961 - 1975)

Marcelo Manuel Da Silva Banguiquidi ¹
Carlos Subuhana ²

RESUMO

A história do mundo é marcada por conflitos seja de conquistas, dominação, libertação e/ou demonstração de poder, o que muitos destes eventos tem em comum é a invisibilidade da mulher nessas histórias, contudo, a realização dessa pesquisa é no intuito de somar as produções existentes sobre a participação da mulher angolana nos conflitos e na história de Angola, pretendemos a partir de narrativas sobre a luta anticolonial apresentar numa visão mais feminina, visto que, quando se fala de guerra é mais falado numa perspectiva masculina do que propriamente feminina, ou seja, pretendemos através dessa pesquisa abordar sobre a mulher desde a sua integração nos movimentos de libertação de Angola e procurar entender a sua presença/ausência na guerra. Aspiramos igualmente fazer uso da pesquisa bibliográfica e documental por se tratar de um tema histórico em que muitas das personagens supracitadas já não se encontram vivas, pois, tudo quanto se sabe sobre as suas vidas e trajetórias estão documentadas e/ou armazenadas em diferentes arquivos.

Palavras-chave: Angola; Mulheres guerreiras; invisibilidade; independência.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, PALMARES, Discente, marcelobanguiquidi@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, PALMARES, Docente, subuhana@hotmail.com²



INTRODUÇÃO

A história do mundo é marcada por conflitos seja de conquistas, dominação, libertação e/ou demonstração de poder, o que muitos destes eventos tem em comum é a invisibilidade da mulher nessas histórias, pois, quando nos são contadas as personagens heroicas muitas das vezes são sempre as figuras masculina, “as mulheres são as eternas esquecidas na história das guerras e são também as maiores vítimas destes eventos” (COLLING, 2014, p.1). Ademais, em sociedades extremamente machista face a diversos conflitos, não eram permitidas a participação de mulheres na linha de frente e/ou forças armadas, pois, acreditava-se que a mulher tinha que desempenhar outras funções que espelhavam uma certa segurança para elas como ocupar funções administrativas, cuidar da família, dar apoio aos soldados, da alimentação etc. Entretanto, para muitas mulheres que tiveram a oportunidade de participar, seja direta ou indiretamente na guerra viram as suas histórias sendo invisibilizadas, como é o caso da União Soviética na segunda guerra que permitiu e integrou as mulheres em diversos sectores do seu exército, desde a linha da frente no campo de batalha, pilotas de avião etc. Mas depois da guerra as histórias de muitas dessas mulheres foram invisibilizadas. Ou seja, “[...], em tempos de paz as mulheres veem sua história dissolvida na história dos homens. E isto é muito mais verdade em tempos de guerra, nos quais os homens ocupam mais ainda o centro da cena e escrevem a história, a história deles”. (COLLING, 2014, p.1). Deste modo, não deixa de ser diferente no contexto de Angola tal como em alguns países da África, onde a mulher teve um papel importante na luta contra o colonialismo, podendo ocupar diversos espaços nos movimentos que pertenciam, desde as áreas administrativas, até a linha de frente na guerra, como é o caso das “cinco heroínas angolanas, Deolinda Rodrigues [Francisco de Almeida], Lucrécia Paim, Engrácia dos Santos, Irene Cohen, Teresa Afonso, e outras anónimas “que” personificam a luta das mulheres angolanas ” (MPLA, 2014 apud CONTE, MUGGE E SCHMITT, 2018), portanto, o que nos chama atenção “são os raros registos [...] que evidenciam a figura da mulher como combatente, líder, sobrevivente ou ativista política durante a guerra de descolonização e a guerra civil” (CONTE, MUGGE e SCHMITT, 2018, p. 2). Apesar dos diversos cargos ou participações feita pelas mulheres no momento da guerra ainda assim é invisibilizada, e pouco se sabe sobre as trajetórias e histórias de vida dessas verdadeiras heroínas. Segundo Casimiro (2000), como foi possível observar os paradigmas característicos das diversas correntes da historiografia do continente Africano “não consideram nem incorporam a história e as experiências das mulheres”. Apesar de elas terem participado de diversas formas na revolução não só em Angola como também em diversos países do continente Africano ainda se nota a escassez de relatos sobre os seus feitos na revolução. Em Angola foram três principais movimentos nacionalistas que se destacaram na luta pelo nacionalismo, e os três movimentos integralizaram as mulheres nos seus movimentos, formalizando e criando organizações femininas dentro do movimento, capaz de dar suporte e/ou auxílio nos trabalhos que a revolução enfrentava e como também defender o papel da mulher dentro da revolução, entendendo que a mulher poderia ocupar diversos espaços na revolução.

METODOLOGIA

Pretendemos igualmente fazer uso da pesquisa bibliográfica e documental por se tratar de um tema histórico em que muitas das personagens supracitadas já não se encontram vivas, pois, tudo quanto se sabe sobre as suas vidas e trajetórias estão documentadas e/ou armazenadas em diferentes arquivos, desde "diários; documentos arquivados em entidades públicas e entidades privadas; gravações; correspondências pessoais e formais; fotografias; filmes; mapas [...]” (MARTINS E THEÓPHILO, 2009, p. 55), sem nos esquecermos dos livros, periódicos, revistas, enciclopédia, dicionários, jornais, sites CDs, anais de congressos etc”. (MARTINS



E THEÓPHILO, 2009, p.54). Razão pela qual, nos fez recorrer a esse tipo de pesquisa, pois, de todos os métodos que existem, esses dois nos ajudam a explicar e construir narrativas com base em documentos e/ou formas de armazenamento de arquivos tanto a pesquisa bibliográfica e documental, nos apresentam um leque maior de possibilidade concernente a coleta de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Batsikama, (2016, p. 73), “é curioso notar uma ausência da mulher nos anais da História de Angola, quando na verdade o ator feminino sempre presenciou as etapas transformadoras em África”. Portanto, nesse capítulo em colaboração de alguns autores e autoras, gostaríamos debater sobre essa presença/ausência das mulheres no contexto da guerra colonial, visto que, numa nação em guerra o maior contribuinte, participante e/ou combatentes não são apenas aquelas pessoas que vão nos campos de batalha, pois, existem muitas outras formas de contribuir direta e indiretamente na guerra. Segundo Conte, Mugge e Schmitt (2018, p. 2), “a baixa presença da imagem feminina nos registros confirma sua invisibilidade na história da guerra e nos demais conflitos, não somente em Angola, mas também, nos demais países africanos, que organizaram movimentos de resistência”. Entretanto, existe uma escassez de registros que evidenciam a presença feminina na guerra e/ou processo de luta colonial, pois, nos poucos que podemos encontrar tratam de contar o quanto as mulheres estavam tão presentes mesmo antes da criação das primeiras organizações femininas em Angola, ou seja, “antes mesmo do início da luta armada, camponesas cumpriram um papel estratégico na propaganda anticolonialista e essa experiência também foi vivenciada por grupos femininos das zonas urbanas”(SANTANA 2009, p.72). Para Batsikama (2016, p.74), as mulheres africanas na luta de libertação da África foram herdeiras sociais de um heroísmo feminino: “elas pegaram nas armas na elaboração de estratégia e na vida civil para alcançar a libertação da África entre 1954-1960”. Segundo Santana (2009, p.70), Bárbara Isaacman e June Steffhan identificaram iniciativas de mulheres - algumas de significativa relevância - como investidas anticolonialistas muito mais abrangentes no âmbito rural. Entretanto, no processo de libertação de alguns países africanos nota-se atuação das mulheres na luta contra o colonialismo, ou seja, a mulher sempre esteve presente em diferentes eventos, se posicionando e lutando pelos seus direitos, como aconteceu em 1947 em Moçambique, onde “um movimento grevista que incluiu a participação de 7.000 mulheres, realizaram a greve de Buzi onde as mesmas se recusaram ao cultivo do algodão, e queimaram as sementes” Santana (2009). Segundo Santana (2009), em Moçambique algumas mulheres insatisfeitas em distribuir panfletos chegaram ao manuseio de armas - foi o caso de Josina Machel, da província de Inhambane, que se inseriu na Frelimo em 1965. Portanto, isso só mostra o quanto as mulheres a nível de África estavam interessadas em colaborar e trabalhar em prol da libertação dos seus países, pois, elas estavam dispostas e preparadas para ocupar diferentes espaços na revolução, além de algumas delas chegarem ao manuseamento de armas e estarem nos campos de batalha à exemplo da Isalina Kawina pertencente ao movimento nacionalista da UNITA. Além de estarem na linha de frente um dos papéis que a mulher ocupava dentro da revolução era no transporte de equipamento para os soldados que se encontram no campo de batalha. E dentro do partido FNLA na época, não deixa de ser diferente e a há uma mulher que é uma das que se destacou no meio de várias que foi a comandante Catarina, primeira mulher no comando da ELNA (Exército Nacional de Libertação de Angola. (LUCAS, 2021). Contudo, a Catarina foi “uma combatente que tanto lutou em defesa de Angola e, sabendo que a luta de libertação era um bem de todos, sem exceção de ninguém, lutou e deu sua vida pelo bem da nação”. (LUCAS, 2021, p.15). Portanto, ainda no seio da FNLA, Margarida Paredes, na obra Combater duas vezes: Mulheres na Luta Armada em Angola, “fala de uma das integrantes que lutou dentro do movimento da FNLA, Ana Maria da Conceição Fernandes, que nasceu no



Bengo, filha de Antônio Fernandes de Brito, pastor protestante da igreja Evangélica de Angola, e foi integrada à FNLA quando tinha 14 anos”. (LUCAS, 2021, p.15).

CONCLUSÕES

No seu livro Margarida Paredes apresenta depoimento de mulheres ex-combatentes, sobre as suas situações durante a guerra de libertação. Nessa obra faz questão de mostrar o quanto tanto as mulheres camponesas e urbanas estavam tão presentes e disponíveis para atuar em diversas áreas da revolução e, segundo Margarida Paredes “sem a participação das mulheres a Luta de Libertação anticolonial não teria triunfado e Angola não seria independente” (EURICO, 2017, Online). Segundo Souza (2017, p.3) “poucas são as mulheres lembradas, tanto por suas militâncias nas frentes de batalha, como por seus trabalhos artísticos”. Pois, os sujeitos históricos destas metas narrativas são quase sempre homens, líderes históricos investidos de um discurso libertador, ficando as mulheres invisíveis como actores da história ou como sujeitos que lutaram, se interrogaram, analisaram e produziram ideias. (SOUZA, 2017, p.3).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a minha família por tudo que tenham feito por mim durante a minha trajetória, pois, é por eles que me motivo a continuar, sem esquecer da meu orientador e dos meus amigos, pelo apoio que me dão, tornando esse processo mais tranquilo e leve.

REFERÊNCIAS

- BATSÍKAMA, Patrício. Poder no feminino. Caso da Deolinda Rodrigues “Langidila”. África [s]-Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, v. 7, n. 13, 2020.
- COLLING, ANA MARIA. As chinas gaúchas: a invisibilidade do feminino na Guerra do Paraguai. XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS, “História, Verdade e Ética, ANAIS, São Leopoldo, 2014.
- CASIMIRO, Isabel M. A. Relações de género na família e na comunidade em Nampula. Maputo: Cruzeiro do Sul (Instituto de Investigação para o Desenvolvimento), 2000.
- CONTE, Daniel; MUGGE, Ernani; JUCINSKY SCHMITT, Bárbara. O esquadrão e as mulheres: o caso da personagem ondina em Mayombe, de Pepetela. Contribuciones a las Ciencias Sociales, n. junio, 2018
- EURICO, Jorge. Margarida Paredes: “Sem a participação das mulheres a Luta de Libertação de Angola não seria independente”. CLUB-K. [S.I] 2017 Disponível em: LUCAS, Olímpia Iango. A participação da mulher na luta pela independência em Angola (1961-1975). 2021.
- MARTINS, Gilberto de Andrade, THEÓPHILO, Carlos Renato. Metodologia da Investigação científica para ciências sociais aplicadas. São Paulo: Atlas S.A, 2009.
- SANTANA, Jacimara Souza. A participação das mulheres na luta de libertação nacional de Moçambique em notícias (Revista Tempo 1975-1985). Sankofa (São Paulo), v. 2, n. 4, p. 67-87, 2009.
- SOUZA, Larissa. Militância, escrita e vida: a poesia de Deolinda Rodrigues. Cadernos Pagu, 2017.